



Universidade da Amazônia

O Cego

de Joaquim Manuel de Macedo

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



O Cego

de Joaquim Manuel de Macedo

Personagens:

Paulo, o cego

Henrique, irmão de Paulo, Capitão Voluntário da Independência

Damião Gomes

Daniel, negro condutor de Paulo

Silvestre, soldado, camarada de Henrique

Maria, filha de Damião

Emília, mãe de Paulo e de Henrique

A cena se passa em um dos arrabaldes do Rio de Janeiro , no ano de 1825.

ATO PRIMEIRO

A MÃE DO CEGO

O teatro representa um bosque aprazível e belo; ao fundo e do lado direito do espectador, uma fonte natural está meio encoberta por algumas árvores, que parecem ligadas por um tecido de trepadeiras floridas, as quais formam como um caramanchão sobre a fonte.

O dia amanhecendo.

CENA I

Paulo e Daniel.

Paulo entra do lado direito, conduzido por Daniel; Paulo deixa o braço de Daniel e descansa a cabeça sobre o seu bastão — Depois de alguns instantes ergue-a; tira do bolso da calça e mostra o relógio ao seu condutor, e pergunta:

Paulo — Que horas são?

Daniel — Cinco e meia.

Paulo — O sol?

Daniel — Começa a despontar.

Paulo — Oh!... Foi como esta, a hora, em que primeiro a vi. — Então eu via!!!

Daniel — Senhor...

Paulo — Perdoa, amigo: um pobre cego vive somente a vida do passado.

Daniel — Mas neste dia a dor é mal cabida.

Paulo — Sim; eu sei que este dia me prepara,

Se não glória tal qual eu desejava,

Ao menos a maior que é dada ao cego.

Isso mesmo me lembra o que eu não gozo,

Me agiganta um prazer que anelo embalde.

Maria vai ser minha; um laço eterno

Nossos destinos vai ligar. Que enlevo

Não fora o meu, se viesse, no momento

De entregar sua destra ao sacerdote,

Corar de pejo esse anjo pudibundo,
E olhos meigos de amor lançar-me a furto!...
E não posso!... Oh! Miséria triste minha!...
Como é cheio de fel o amor de um cego!...

Daniel — Senhor, nesta existência transitória
Querer dita completa é querer muito.
No rosto não vereis de vossa noiva
A mistura feliz de amor e pejo;
Mas depois devereis à esposa amada
Vida de paz, de gozos e delícias.

Paulo — Depois?... Depois?... Amigo, eu terei sempre
Da dor o fel no néctar dos prazeres.
Maria me fará menos aflito;
Porém, feliz... Duvido.

Daniel — Esperai tudo.

Paulo — No que eu posso esperar tenho pensado;
E o futuro uma hora me prepara
Talvez de angústia e felicidade a um tempo!
Se eu chegar a ser pai... Oh! Céus! Maria
Dar-me um fruto de amor e de ternura,
Soltar meu filho o grito seu primeiro...
E eu correr a beijá-lo... E então... E nunca...
E nunca ver o rosto de meu filho!!!

Daniel — Senhor... Senhor...

Paulo — Não podes consolar-me:
Conheço que meu mal é sem remédio;
E se pra mim sossego inda há possível,
Se um meio existe de abrandar-me as mágoas,
É o amor de Maria. Só por ele
Eu vivo ainda, e não desejo a morte.

(Alguns instantes de silêncio triste.)

Daniel, meu amigo, um breve instante
Deixa-me só; mas... Dize-me primeiro:
Era por este lado que ela vinha?...

(Paulo aponta para a esquerda do espectador, mostrando o lugar dela.)

Ali existe a fonte?... É isto, ou erro?...

Daniel — Senhor, julgais ao certo.

Paulo — Agora, vai-te...

Pra longe... Onde não ouças o que eu diga.
Quero estar só, falar comigo mesmo...
Pensar... Talvez chorar sem testemunhas...
Deixa-me, pois.

(Acompanha com o ouvido a Daniel, que tristemente se retira, e depois que o julga longe, avança alguns passos, e fala.)

Paulo (Só.) — Não ouço mais seus passos...

Se eu visse, estimaria que me ouvissem:
N'alma do amigo glórias e pesares
Depositara sem temor; mas cego!!!
Quem sabe se se riem do que eu digo?!!
É melhor ficar só. Sem testemunhas

Quero sorver o néctar das lembranças;
Porque, enfim, minha vida é meu passado.
(Momento de silêncio, e como de recordações: e de repente exclama.)
Então eu via!!! Sim, foi, há dois anos,
Quando primeiro a vi: hora como esta...
Um sol ao despontar... Eu descuidoso.
Pelas margens do rio divagando...
(Daqui até quase o fim da fala, Paulo parece ver reproduzir-se o que refere.)
A mais melíflua voz entoou um canto
Saudoso... Melancólico; estremeço...
Sinto um pisar sutil... Presto me oculto...
É ela... Por ali se vem mostrando...
(Apontando para o lado esquerdo do espectador.)
Oh! Tão belo não era o sol brilhante,
Que do alto dos céus a enamorava!...
(Cortando repentinamente o fio do discurso, e logo tornando a ele.)
Negros cabelos caem-lhes anelados
Sobre níveas espáduas de alabastro...
Alta, lisa é a fronte... Por seus olhos,
Langorosos e pretos, transpirando
Estão os pensamentos de sua alma!...
Um sorrir gracioso... Céus! E nunca
Vê-la-ei mais sorrir!
(Cortando repentinamente o fio do discurso, e logo tornando a ele.)
Enfim que chega...
Perfuma-se o deserto com seu hálito!...
Ela passa... — Silêncio, oh natureza!...
(O mesmo.)
Sigamo-la... Da fonte se aproxima...
Senta-se a um tronco... O canto da saudade
De novo entoou... A voz lhe falta... Chora...
Vê-la chorar não posso... Corro a ela...
Aos pés lhe caio... Encara-me surpresa...
Um grito solta... Erguer-se pode... Foge...
É de um sonho visão que se evapora!...
(Fica em silêncio um instante, e depois diz com mágoa o que logo segue.)
Oh! Quanta formosura!... Quantas graças!...
— Então eu via!!! — E agora? ... Apenas lembro
Cenas que vi, que não verei mais nunca,
Mesmo sendo mil vezes repetidas!...
Mas como é tão doce o recordá-las!...
Eis a fonte...
(Pondo daqui por diante em viva ação o sentido do tato.)
Eis a fonte! Aqui por certo,
Aqui ela passou...
(Encontrando o tronco.)
Oh! Aqui mesmo...
Eis o tronco feliz, onde sentou-se...
Eu escuto outra vez... N'alma me soa
Doce canto de amor!... Quero sentar-me

Neste mesmo lugar...

(Senta-se no tronco, apalpando tudo ao redor com indizível prazer: algumas flores pendentes caem-lhe sobre a cabeça; Paulo toca nelas.)

Flores queridas!...

Mais ditosas que vós outras pendiam,

Como vós sobre mim, também sobre ela!...

Ah! Pois bem... Eu vos beijo...

(Beija as flores com transporte.)

Mas parece que sinto inda o perfume,

Que em seu lugar a bela temerosa

Das brancas vestes derramava em torno,

Nas flores conservado!!!

(Cheirando e beijando de novo as flores.)

Não me engano...

É o mesmo... Oh! Ventura!... Oh! Minhas flores,

Eu vos quero.

(Querendo tirar algumas flores, e pára logo soltando-as com terno arrependimento.)

Não... Não... Jamais tocada

Seja por mão de homem do anjo a coroa:

(Erguendo-se, e avançando alegre alguns passos.)

Ficai... Ficai...

(Ouve ruído e pergunta logo:)

Quem vem aí?

CENA II

Paulo e Daniel.

Daniel — Daniel.

Paulo — Por que vens?...

Daniel — A senhora Dona Emília para aqui se encaminha.

Paulo — A sós nos deixa.

(Ao entrar Emília, Daniel retira-se pelo fundo — Paulo estende o braço para o lado por onde sente entrar Emília, que lhe dá a mão, a qual ele beija quase de joelhos.)

CENA III

Paulo e Emília.

Paulo — Minha mão, vossa mão...

Emília — Eu te abençoô.

Paulo — Devo crer que um acaso aqui vos trouxe;

Ou cuidadosa viestes procurar-me?...

Emília — Adivinhei teus passos, e segui-te.

Paulo — Adivinhastes?... Como?...

Emília — Neste bosque

Encontraste Maria à primeira vez:

Desde então esta fonte te foi grata;

Nem mesmo pôde enfermidade horrível,

Que te apagou a luz, quebrar-te o encanto!

Paulo — É que quando apagou-se a luz dos olhos,
A luz do coração já estava acesa!...

Emília — Por isso aqui contava achar meu filho;
E ainda uma vez falar-lhe à alma;
Conselhos maternais, justos avisos,
Dar-lhe ainda uma vez, pois não é tarde.

Paulo — Hoje então?... Ah! Senhora!...

Emília — Hoje somente:
Amanhã já de balde me ouvirias.

Paulo — Que discurso!...

Emília — Porque te amo, o faço:
Vejo aberto a teus pés enorme abismo;
E tu, ó duas vezes mais cego,
Cego pela paixão, dos olhos cegos,
Querido filho, vai lançar-te nele!...

Paulo — Minha mãe, que dizeis!...

Emília — Que é tempo ainda
Não está aceso o altar; recua um passo;
Dize que não; estás salvo.

Paulo — Deus eterno!
Que sempre minha mãe assim me fale,
E pretenda apagar-me a derradeira
Esperança que tenho neste mundo!!!...

Emília — Vejo triste ilusão nessa esperança!...

Paulo — Mau lugar, minha mãe, vós escolhestes
Para os laços quebrar, que vão ligar-me!...

Emília — Azado é todo o sítio à mãe que trata
De seu filho salvar.

Paulo — Mas que perigo?!...

Emília (*Com acento doloroso, e como profético.*) — Neste himeneu pressinto uma
desgraça!

Paulo — Se há erro, minha mãe, neste consórcio
A metade da culpa a vós pertence.
Consenti que eu avive em vosso espírito
Lembranças que parecem quase extintas.
Morto meu caro pai, e enfim passados
Tristes meses de luto, ambos deixamos
A corte, onde gozei dias tão belos!...
Nossa presença aqui se fez precisa;
O irmão, que esta fazenda dirigia,
Não podendo ser surdo à voz da pátria,
As armas toma, ao campo voa; e bravo
Por nossa independência batalhando,
Títulos de glória adquirir procura.
No entanto outro destino me aguardava!
Feliz acaso um dia aqui me mostra
A mulher que comigo vai ligar-se;
Não resisti... Amei-a: e vós, que a vistes,
Que a pureza estudastes de sua alma,
Lembraí-vos, minha mãe, vós me dissestes:

“Ama-a, meu filho; é digna de ser tua:
Deus fez-lhe o coração, e o Amor o rosto.”
Tudo, pois este afeto abençoava.
Mas de repente atroz enfermidade
Vem apagar o dia pra meus olhos;
Amaurose fatal vivo me encerra,
E, para sempre!... Em negra sepultura!...
Desde então outro foi vosso conselho...
Ordenai-me esquecer o bem que aspiro,
E é a vosso despeito que eu concluo
Um himeneu que tanto desejava!
Como, pois explicar esta mudança?...
Não pode gozar um pobre cego?!...
Oh! Não, senhora, a sorte está lançada;
Para voltar atrás é já mui tarde!...

Emília — A razão de mudar-se o meu conselho
Tu mesmo, sem querer, há pouco a deste.
Bendisse o teu amor enquanto vias;
Mas, cego... Não desejo ver-te esposo.
Meu filho, amamenteei-te nos meus peitos,
Segui teus passos, e estudei teu ânimo;
Lia em teu coração, e leio ainda!
Tu foste ciumento, e o serás sempre;
E quando outro argumento eu não tivesse,
Esse bastava: — Um jovem que desposa
Mulher galante e moça, teme tudo!
Se nutre, por demais, fatal ciúme,
E por demais ainda o esposo é cego,
Ele que nada vê, tudo adivinha,
Cria fantasmas... Ilusões... Quimeras...
Mil desgraças fictícias imagina...
Pensa ter a traição sempre a seu lado,
Aproveitando a noite de seus olhos,
E faz por suas mãos o seu martírio!...
Ah! Poupa-te, meu filho, a tais torturas!...

Paulo — Com verdadeiro amor amo a Maria;
Base de amor foi sempre a confiança;
Do coração que a tem foge o ciúme.

Emília — Jamais houve paixão sem que ele houvesse!...

Paulo — Tenho fé na virtude de quem amo.

Emília (*Com acento doloroso, e como profético.*) — Neste himeneu pressinto uma desgraça.

(*Depois de um instante de silêncio, prossegue.*)

Cegar depois de esposo é só desdita;
Casar depois de cego, é já loucura.

Paulo (*Com dor extrema.*) — Portanto, minha mãe, só resta ao cego.
Um condutor... Um pau... E infernal vida!!!
Deus o homem lançando neste mundo,
De gozos o cercou, quis que gozasse:
Deu-lhe o sol... Deu-lhe os astros luminosos,

Deu-lhe a terra de flores esmaltada,
E enfim, deu-lhe a mulher, que é mais que tudo.
Ceguei; morreu pra mim o sol brilhante;
As estrelas que as noites esclarecem,
Já não as vejo, nem mais vê-las posso!...
Das flores o perfume só percebo;
A terra mal conheço, porque a piso;
E também a mulher roubar-me querem?!!!
Preciso eu de olhos pra sentir-lhe os mimos?...
Portanto, o cego é criatura réproba,
Que um só dom do Senhor gozar não deve!!!
Que resta ao cego, pois?... Vida importuna?...
Lágrimas vãs... Ouvir dizer — coitado!
Quando ele passa tenteando a estrada?...
Ente sempre passivo ser no mundo,
A quem já bens demais se lhe concedem
Bordão que palpe, e condutor que o guie?...
Oh! Minha mãe, antes morrer!...Tiranos
Os que o punhal amigo me arrancaram,
Quando tentei cortar tão tristes dias!...
Dias?... Nem sei que é dia?...Oh! Desgraçado!
Que só conheço a noite!... A luz que ainda
Me animava, essa mesma apagar querem!...
A luz do amor!... Maria!...
(*O pranto o obriga a interromper-se.*)

Emília — Pobre filho,

Que sempre com teu pranto me respondes!...

Paulo — Oh! Minha mãe, a esperança derradeira
Não me tenteis roubar tão cruelmente!

Emília — Queira o Céu sejam vãos os meus temores!

Paulo — Serei feliz se vós me abençoardes.

Emília — Jamais te há de faltar bênção materna:

(Paulo fortemente comovido procura encontrar a mão de Emília, que lhe entrega conhecendo o desejo do filho. — Paulo ajoelha-se, e beija com ardor a mão de sua mãe, a qual por sua vez chorando o ergue, e apertadamente o abraça; seguem-se momentos de silêncio.)

Eu me vou; queres vir?...

Paulo — Daniel me espera
Não longe deste sítio.

Emília — Adeus, meu filho.

(Vai-se pelo mesmo lado por onde entrou.)

CENA IV

Paulo e logo **Daniel**.

Paulo (*Depois de alguma reflexão.*) — Daniel! Daniel!

Daniel (*Entrando pelo fundo.*) — Senhor.

Paulo — Bem perto
Estavas, e portanto ouvir pudeste

O que dizia minha mãe; que causa
Fará com que ela tanto se arreceie
De que este casamento se conclua?

Daniel — Ignoro, senhor.

Paulo — Escuta, amigo.

Alguns serviços te prestei; e eu peço,
De quanto fiz, a gratidão por paga.
Minha desgraça faz-me interesseiro;
Tua fidelidade me é precisa.

Daniel — Serei grato e fiel eternamente.

Nunca me há de esquecer a mãe enferma.

Num leito de misérias definhando;
Nem minha dor ao vê-la assim sofrendo,
E eu pobre sem recursos para valer-lhe;
Nem a hora, em que súbito na porta

Da nossa pobre casa apareceste,
Como um anjo benéfico: oh! Maldito Eu fosse, se olvidasse o que vos devo!

Nunca me hão de esquecer as frases trêmulas

Que ao expirar, como um legado santo,
Me disse minha mãe; sempre as recordo:

“Filho!... Meu benfeitor te recomendo;

Se necessário for, morre por ele.”.

(Depois de enxugar uma lágrima.)

Serei grato e fiel eternamente.

Sou vosso escravo... — não! Sou mais do que isso,

Sou cão fiel, que a vossos pés vigia.

Paulo — De um amigo, como és, eu precisava.

Ouve: nunca me deixes, vela atento

Quanto ao redor de mim passar-se possa.

Daniel, eu verei pelos teus olhos.

Nas poucas horas que ao himeneu me faltam,

Observa Maria; e se em seu rosto

Um só sinal de dor, de sacrifício

Puderes descobrir, presto me avisa:

Nada te escape. — Céus! E que eu não possa,

Eu mesmo nos seus olhos ver sua alma!...

(Subitamente Paulo se suspende, ouvindo a voz doce e harmoniosa de uma mulher, que canta uma música melancólica e saudosa. O canto produz forte sensação em Paulo, que o escuta com apurada atenção e indizível prazer. — Prevenção.)

Maria *(Cantando dentro, e ao longe.)* —

Pelos vales solitários

Exalo carmes de dor;

Nos ecos que me respondem,

Julgo ouvir a voz de amor.

Paulo — Silêncio!... É ela!!! A sua voz!!!

Maria *(O canto vem-se aproximando mais.)* — Espalhando meus gemidos

No seio da soledade,

Eu penso que entôo um hino

Grato ao anjo da saudade!

Paulo *(Em êxtase.)* — Maria!?!

ATO II
A NOIVA

A mesma decoração do ato anterior.

CENA I

Maria (*Só — Entra pelo lado esquerdo do espectador, vagarosa e triste.*)

Adeus, meu vale! Adeus, ó minha fonte.
De prazeres e mágoas testemunhas!...
Pela vez derradeira eu vos saúdo,
Como há tanto, com lágrimas sentidas!...
Amanhã outra vida me preparam!...
Será preciso não chorar, que às vezes
Do pranto da mulher se faz um crime
Adeus, meu vale! Adeus, ó minha fonte!
O meu último sol de liberdade.
Cabia a vós; sim, foi nestes lugares,
Onde primeiro palpitou no peito
De amor o coração! Doce momento!
Tão veloz como um sonho de venturas,
Ao qual seguiram dias de infortúnio
Tão longos como a vida, que me pesa.
Aqui votos de Henrique aos meus se uniram;
A fonte foi o altar, e o vale o templo...
Mas, basta; não lembremos do passado:
Lembrá-lo é um remorso no presente,
Pois quase sou perjura aos próprios olhos!
Lembrá-lo é um remorso no futuro,
Pois só deve a mulher lembrar o esposo.
Adeus, meu vale! Adeus, ó minha fonte!
(Depois de curta reflexão, prossegue.)
Marchemos com valor ao sacrifício.
É da mulher a história em sofrimentos
Fértil. Nem será este o derradeiro!...
Eu me curvo ao destino de meu sexo;
É preciso viver no nosso mundo;
Receber como leis suas cadeias;
Ter o riso no rosto, e o pranto n'alma,
E dizer — sou feliz!... — Que sorte iníqua!
É a mulher excepcional vivente,
Que tem alma, e não querem que ela sinta!
Tem coração, e ordenam que não ame!...
A mulher sempre é vítima no mundo.
Sujeita desde que nasce até que morre,
De pai passa a tutor, irmão, marido...
Sempre um senhor... *(O nome é que se muda)*;
Sempre a seu lado um homem se levanta
Para pensar e desejar por ela;
Criança, junto a quem sempre vigiam;

Cego, que sempre pela mão se leva;
Eis a mulher!... Eis o que eu sou, e todas!...
E ao muito se consegue ser amada;
É escrava, que num altar se prende,
Divindade, que em ferros se conserva.
E a quem se chama (*Oh! Irrisão!!!*) Senhora!
E, portanto, eu serei como mil outras
Mártires nobres. Ver-me-ão passando
(*Como essas tantas*) Silenciosa... Pálida
Sorrindo com o sorrir que esconde as mágoas:
Talvez digam ao ver-me — ela é ditosa!
Sim, que eu hei de saber (*como outras fazem*)
Abafar meus suspiros e gemidos,
E esconder os tormentos de minh'alma
Desse mundo egoísta, e sem piedade,
Que faz do homem “senhor” da mulher “mártir”
(*Momento de doloroso silêncio, depois ela se desfaz em pranto, e exclama:*)
Adeus, meu vale!!! Adeus, ó minha fonte!!!
(*Ao primeiro passo para retirar-se encontra-se face a face com Damião.*)

CENA II

Maria e Damião.

Damião (*Com severidade*) — Segui teus passos, e escutei-te as queixas.

Maria — Meu pai...

Damião — Falemos baixo: não distante

O senhor Paulo pressenti. Maria

Quem pode perdoar-te o estranho excesso

Com que vens lamentar males fictícios?...

Onde estão os tiranos que te oprimem?...

Onde está o martírio a que te votam?...

Maria — Mais que muito, meu pai, deveis sabê-lo.

Damião — Queres que eu core de chamar-te filha?...

Maria — Podeis, senhor, erguer vossa cabeça;

Sobranceira serei ao sacrifício;

Mas enquanto ao altar não sou levada,

Chorar posso: inda o pranto não é crime;

E deste pranto vós sabeis a origem!...

Jamais vos escondi meus sentimentos;

Sois meu pai; sempre fostes meu amigo;

Lestes sempre no livro de minh'alma.

Vossos olhos, senhor, me acompanharam

No amor primeiro — o único da vida!

Meu amor por Henrique abençoáveis;

E eu cheia de esperança no futuro

Via meu coração nadar em glórias.

Soa a trombeta que os guerreiros chama;

Henrique escuta a voz da pátria terra,

E ao campo dos bravos se arremessa.

Outro mancebo vem que me requesta,
Tão nobre, tão distinto como Henrique,
Que herdou do mesmo seio os mesmos dotes:
Fujo a seus obséquios cautelosa,
De amor me fala... Nego-lhe resposta;
Até que enfim notícia desastrosa
Vem da morte de Henrique a fé quebrar-me.
Oh! Nunca o meu amor! — Submissa apenas,
Submissa tão somente às ordens vossas,
Minhas promessas Paulo há recebido:
Depois este infeliz perdendo a vista
Me quis soltar dos projetados laços:
Morto eu supunha o meu único amado,
O noivo pretendente era irmão dele,
Esperanças de amar eu mais não tinha;
Crueldade julguei negar a um cego
O que, pra obedecer-vos, prometera.
Minha palavra sustente; e um dia
De improviso nos chega a feliz nova
Que Henrique não morrera. Delirante,
Aos pés vos caio, meu amor vos peço;
Quero quebrar cadeias mal forjadas;
Mas vós então, primeira vez austero,
Exclamastes: — eu mando. — Obedecei-me.
Meu pai, a filha vai obedecer-vos;
Porém, inda solteira, dai que chore!...

Damião — Eu tenho consciência do que hei feito.
Por se guerreiro Henrique não crimino.
A pátria quis servir, foi nobre empenho;
Guarda no peito o coração dos bravos.
Mas por que causa não correu primeiro,
E antes que partisse, a procurar-me?
Por que me não pediu-te por esposa?
Não sabia que eu pronto coroara
Com tua mão o amor que te jurava?
Maria, esses protestos de mancebo
Soltos ao vento, o mesmo vento os leva.
Se Henrique a mim viesse, o esperaria;
Não veio a mim, não temos de esperá-lo.

Maria — Esse erro de Henrique assaz lamento;
Mas pagar vossa filha um simples erro
Com a vida toda inteira de martírio?!...

Damião — Não é de erro, ou martírio, que tratamos;
Sim de cumprir palavra que foi dada.
Nossa fidelidade é conhecida;
Fraqueza é desmentir tão nobre fama.
Sei muito bem que o tempo está mudado,
Que o meu exterior também mudou-se;
Porém o que é de dentro inda está firme.
De meus avós e pai herdei sem mancha

Nome, que hei de legá-lo como herdei-o
Jamais um Gomes retirou promessas:
Palavra que era dada, era cumprida.
Perdi tudo; fui rico... Hoje sou pobre,
E um nome não manchado só me resta.
Queres, pois, que esta herança tão sagrada,
Esta glória tão bela também perca?...
Por ventura obriguei-te, minha filha,
A prometer a mão de esposa a Paulo?
Não: conselhos apenas me escutaste;
Eu disse — Desconfia dos mancebos;
Juramentos de amor são leves sempre;
Já Henrique talvez nem mais te lembre;
Se Paulo te convém, esposo o aceita.
Paulo aceitar quiseste; e minha filha
A palavra que deu, sustentar deve.
Maria — Pois sim, meu pai, serei mulher de um cego,
Podendo ser de um bravo cavaleiro!...
E queira o Céu, senhor, que o sacrifício
A que me condenai, e me condeno,
Nunca possa a velhice amargurar-vos.
Não hei de desonrar o vosso nome;
A educação que recebi me sobra
Pra conhecer o que convém à esposa.
Vou fazer o papel que outras mil fazem;
Sou mulher, e, portanto sou fingida!
Não é assim, ó mundo?! A mulher finge,
Mas bem poucos se lembram que é o mundo
Quem fingir manda, em nome da virtude!...
Sim, fingirei, meu pai: mentira e gelo
Cedo virão sentar-se em meu semblante,
Deixando ao coração verdade e fogo.
Mais do que isso não pode a honestidade;
Um afeto esconder inda é possível;
Porém matar amor, meu pai, quem pode?
Oh!... Não se extingue, não!... Embalde o empenho,
Nem a plaina do tempo apagou nunca
Vestígios, que nos deixa tão saudosos,
No coração o amor da prima idade!...
Oh! Não se esquece mais a bela imagem
Desse primeiro deleitoso sonho!
Suspiros abafar consegue a honra;
Mas nem dever, nem honra, nem virtude
Podem roubar ao doce amor primeiro
Recordações saudosas do passado!...
Nunca se amou deveras duas vezes:
Não é amor o afeto secundário,
Que a novo objeto sacrifica o peito
Em que outro teve generoso império:
Esse é resto, esse é polme, que no fundo

Ficou de virgem cálix, cujo néctar
Bebeu primeiro e derradeiro amado!...
É, portanto já muito o fingimento,
E o mundo que se ri, que de nós zomba,
Que nos insulta, core antes de rir-se,
Porque ele é o tirano, e nós as vítimas.
Sim, fingirei, meu pai; mas quando virdes
Brincar mais ledo o riso nos meus lábios,
Dizei: como aquela alma está sofrendo!...
Quando eu correr alegre pelos prados,
Dizei: — lá vai a louca em desvarios!...
Quando eu cantar festivos doces hinos,
Dizei... Porém, senhor, não digais nada;
Fechai antes os olhos para não ver-me;
Que a dor que rasga um coração de filha,
Num coração de pai acha eco sempre.
Damião — Poupa, Maria, um já cansado velho:
Teu desespero injusto me abrevia
Uma vida, que só por ti me é cara.
Maria — Meu pai!
Damião — Querida filha, não te entregues
A uma aflição, que desespero indica.
Enxuga o pranto, zela o teu segredo:
Cedo o altar vai curar esses tormentos.
Quando o nome de esposa receberes,
Tu verás serenar a tempestade,
E sossegados dias no horizonte
De tua vida abrir-se: pouco falta;
Esta noite dá fim às mágoas tuas,
E me dará sossego aos velhos anos;
Morrendo, baixarei à sepultura
Com a certeza de ter deixado a filha
Nos braços de um esposo que a idolatra.
Eu me vou; tu sossega: talvez perto
Paulo espera um momento de falar-te
A sós. Não te atraíçoes pranto e queixas;
Tem piedade do mísero que te ama;
Respeita no teu noivo o teu esposo;
E obedece a teu pai, se acaso o estimas.
(Vai-se pela esquerda do espectador.)

CENA III

Maria (*Só; vê partir Damião, e depois de conservar-se um momento pensativa.*)
Quantas mártires passam sobre a terra!...
Que angústias em silêncio se devoram!
Que dores n'alma da mulher se abafam!...
(*Aparecem no fundo Paulo e Daniel.*)

CENA IV

Maria, Paulo e Daniel, *falam ainda no fundo do teatro em tom baixo.*

Paulo — Que lhe dizia o pai?...

Daniel — Não pude ouvi-lo; falavam baixo.

Paulo — Acaso ela chorava?

Daniel — Num dia de noivado, pai e filha,
Em terna despedida se abraçando,
Tenho visto chorar.

Paulo — Tu me sossegas.

(Avança para o proscênio.) Maria!

Maria *(Volta-se estremecendo.)* — Ah! Meu senhor!...

Paulo — Dá-me outro nome,
Se acaso não te apraz chamar-me escravo.
(A Daniel, que tem permanecido no fundo.)

Daniel, podes ir ... À casa volta;
Tentarei com o bordão o meu caminho;
Ou guiará Maria o pobre cego
De quem vai ser a eterna condutora.
Quero um instante a sós ficar com ela.
(Daniel beija a mão de Paulo, faz respeitoso cumprimento à Maria e vai-se.)

CENA V

Maria e Paulo

Paulo — Ele se foi?... Está longe?

Maria — A sós estamos.

Paulo *(Procurando a mão de Maria, e com ternura.)* —
Maria, poucas horas só nos faltam
Para ao altar de amor correremos ambos,
Com que paixão te adoro, não ignoras;
Tu foste, és ainda, e serás sempre a imagem
A quem meu coração seus cultos renda.
Pra que eu seja feliz, tu me és precisa:
No mundo, em que pra mim tudo está morto,
De minha mãe, de meu irmão ao lado
Eu te encontro, Maria, na minh'alma.
Tu és o laço que me prende à vida...
A idéia da luz ainda retenho,
Porque recordo o fogo de teus olhos!...
Inda compreendo o que é a felicidade
Pela esperança de beijar teu rosto!
Oh! Maria não ser por ti amado
Fora para mim tortura atroz e horrível;
Mas fazer o martírio de teus dias...
Atormentar tão meiga criatura...
Condená-la ao medonho sacrifício
De acompanhar eternamente a um cego,
Que não pudesse amar!... Oh! Fora um crime,

Que a minha salvação comprometera!
Um crime, de que eu mesmo me horrorizo!...

Ah! Poupa-me, Maria este remorso:
Eu não peço; eu não quero sacrifícios.
Inda é tempo; não sejas triste vítima
À oblação sacrílega levada.

Dize... Fala... Sê franca, e não receies.

Maria — Quem, senhor, te inspirou tão triste idéia?...

Paulo — Eu mesmo refletindo em meu estado.

É possível, me disse, haver no mundo
Uma mulher tão cheia de piedade,
Que esqueça juventude, graças, brilho,
Pra a vida partilhar que cabe a um cego?!
Conheço agora; um crime era essa dúvida;
Pois devia lembrar-se que existias.
Bem, Maria, serás o meu amparo;
Deve o esposo proteger a esposa;
Mas o contrário se dará conosco:
Aqui a flor sustentará o tronco;
Junto a mim velarás, como um bom gênio.
E Deus te pagará tantas virtudes.

Maria — Cumprirei meu dever com meu esposo;
Dando-lhe a minha mão, sou toda dele:
Serei feliz com seu amor.

Paulo — Maria!...

E, portanto te basta o amor de um cego?!...
Oh! Meu Deus! Não mereço tanta glória!
Virgem cheia de angélica pureza,
Escuta: eu receava abrir meu peito;
Temia, que te risses do que eu penso;
Agora, não; eu falo. O amor de um cego
É a paixão eterna desta vida;
Paixão que nunca morre, e sempre existe
A mesma no vigor, na intensidade:
Hoje ama o cego, como há um ano amava.
E, amaria há cem, se há cem vivesse.
Amar, depois cegar, é ver a imagem
Da mulher, que se amou, sempre formosa,
Sempre moça e gentil: não há velhice,
Que lhe enrugue o semblante, e lhe descobre
A cor das faces, que lhe afunde os olhos:
Que lhe branqueie as longas negras tranças:
Só vê o cego o que já tinha visto...
É sempre a moça dos primeiros dias...
É tempo da luz a visão bela!...
Nisto ao menos o cego é mais ditoso
Do que o amante, que vê, e vê a idade
Ir destruir o encanto da beleza
Da mulher que adorou.

(A Maria com ternura)

Assim tu pensas?...

Maria — Penso, senhor, que um coração mais nobre
Do que o teu, não conheço.

Paulo — Cara amiga!

Foi Deus que me guiou a ver teu rosto,
Para hoje me livrar do desespero.
Tu me salvaste, me prendendo a vida.

Maria — Queira o Céu que pra sempre o mesmo digas,
E que eu possa, senão feliz tornar-te,
Ao menos cooperar para o teu sossego.

Paulo — Feliz, Maria: sim!... Quem o não fora
Passando a vida ao lado da virtude!...

Como é belo o painel do meu futuro!...

Esse painel eu vejo, e hei de senti-lo.

Ao despontar da aurora despertamos,

E alegre tu me trazes a este vale,

E junto desta fonte descansando

Recordamos o dia em que brilhara

De amor primeira flama em nossos olhos!...

Ao refrescar da tarde tu me levas

Aos sítios que mais gratos te parecem...

E os lavradores que passar nos vêm,

Em respeito à virtude hão de dizer-se:

— Lá vai um cego pela mão de um anjo!!!

Oh! Maria!!!

(Estendendo os braços, Maria toma-lhe a mão, ele a abraça ternamente: fica um instante abraçado; mas logo sente rumor, desenlaça-se e pergunta:)

Parece que alguém chega?...

CENA VI

Maria, Paulo e Damião, que chega apressado. Prevenção.

Maria *(Respondendo a Paulo)* — É meu pai.

Paulo *(Como assustado)* — Que será?...

Damião — O senhor Paulo...

Paulo — Oh! Meu pai!...

Damião — A surpresa mais ditosa... Vosso irmão é chegado!

Paulo *(Gritos sufocados)* — Ah!... Ah!...

(Na mais viva agitação, e como querendo sair)

Levai-me!...

Damião *(Suspendendo a Paulo)* — Pra aqui mesmo ele corre...

(A Maria, com austeridade:) Eu te observo! *(Retira-se, e fica no fundo da cena de braços cruzados, observando)*

CENA VII

Maria, Paulo, Damião e Henrique

Henrique (*Correndo para Paulo*) — Meu irmão... Meu irmão...

Paulo (*Recebe Henrique nos braços, e ficam algum tempo abraçados*) — Henrique!... (*Henrique à força se arranca dos braços de Paulo, quer lançar-se à Maria, mas fica espantado e imóvel ante ela, que com um dedo sobre os lábios, faz-lhe sinal de silêncio, e com a outra mão aponta para Paulo:*) Henrique!... (*Girando a cena por todos os lados, e com os braços abertos em procura de Henrique*) Henrique! Henrique! (*Henrique lança-se de novo nos braços de Paulo. Exclamação dolorosa e pungente.*) É que eu não posso vê-lo!...

ATO III

O SACRIFÍCIO

O teatro representa uma sala particular da casa de Emília. Ao lado direito do espectador, portas que dão passagem para os aposentos interiores; ao lado esquerdo, janelas; ao fundo, uma única porta no centro. Há apuro de decência e luxo, como para um dia de festa.

CENA I

Henrique e Emília *parecendo continuar prática de antes travada.*

Henrique — Com efeito, durante algumas horas

Meus companheiros mortos me julgaram;

Pelo golpe profundo de meu peito

Como no sangue me fugira a vida;

Mas, enfim, reanimei-me, a mil cuidados.

Meu braço, que de menos já contavam,

Foi ainda fatal aos inimigos;

E esse golpe, que a luz quase apagou-me,

Hoje é nobre sinal do meu denodo.

(*Abrindo a farda e mostrando a cicatriz*)

A minha mãe, ufano, vou mostrá-lo:

É de glória um troféu, que a seus pés trago.

Emília (*Querendo beijar o peito de Henrique*) — Ah! Consente, que o beije...

Henrique (*Repelindo-a docemente*) — Oh!... Não... Senhora... Permita que eu prossiga.

Emília — Alegre te ouço; Tem parte a mãe na glória de seu filho.

Henrique — Depois de novos fadigosos transes,

Veio a vitória terminar a luta.

Brilha a aurora da paz no céu da pátria,

Aos guerreiros descanso permitindo.

Emília — Como inundas de júbilo a minh'alma!...

Henrique — Aos campos que deixei alfim tornando,

Trago por documentos de bravura

Sinal de um golpe recebido em frente;

Dragonas alcançadas nos combates,

Dos canhões ao troar postas nos ombros;

E uma nobre medalha, que nenhuma

Há de, em primor, poder avantajá-la:
É medalha da guerra, e de uma guerra.
Pela mais nobre causa guerreada.

Emília — Teu justo orgulho, cavaleiro, eu louvo;
E, pois que um termo hão tido esses combates,
Vem descansar das marciais fadigas.

Henrique — Há muito que essa idéia me ocupava:
Com que doce prazer eu me dizia:

Eu vou gozar nos lares meus paternos
Junto da mãe querida, e do irmão caro!...

Há um ano, uma só carta eu não tivera;
Esquecimento, não, mas descaminho
Por certo esse consolo me roubava.
Chego... Encontro o irmão cego! E mais diria...
Porém, não devo...

Emília — Filho, ao menos hoje,
Dia em que a dor da viuvez abafo,
E ao ver de novo o filho de minh'alma,
Despojei-me das vestes lutuosas,
E trajo as do prazer... Ao menos hoje
Lembrança tão cruel da mente esquece.

Henrique — Como esquecer o que ante os olhos temos?!!

Não vos espante pois, mãe mui prezada,
Ver de amarga tristeza vivos traços
Talvez em meu semblante.

Emília — Há de vir perturbar nossos prazeres
Uma idéia de dor?...

Henrique (*Como fatigado da prática, ou preocupado.*) — Declina o dia:

A hora se aproxima de um noivado,
De que eu nunca pensei ser testemunha
Chegando aqui. Deus faça feliz Paulo!...

Emília — Dizes isso de um modo que parece...

Henrique (*Interrompendo rapidamente*) — Que não parece nada... Eu só queria
Lembrar-vos que era tempo de dispor-vos
Pra receber os vossos convidados.

Emília — Vou preparar-me... Sim... E tu?...

Henrique — A farda

É a veste mais nobre de um soldado.

(*Acompanha Emília a uma porta da direita do espectador*)

CENA II

Henrique, só; *depois de ver desaparecer Emília.*

Oh! Minha mãe, temi que ler pudésseis
No fundo de minh'alma o meu segredo:
É segredo fatal... Prova de infâmia...
Deveis, pois ignorá-lo. Quem dissera
Que aqui voltando da paixão nas asas,
E da fé com que amei buscando o prêmio,

Achasse uma traição onde esperava
Somente achar virtude?... Antes mil vezes
Ao coração chegasse o golpe inimigo
E me coubesse a morte dos guerreiros!...
Inda era tempo de quebrar tais laços,
Desfazer o himeneu era possível:
Este o conselho que a paixão me inspira...
Mas não o quero... Não... Que resultara?...
Ver em dobro infeliz Paulo já cego?...
E para quê?... Pra desposar Maria?...
Eu?! A uma perjura?! Oh! Para o soldado
Equivale o perjúrio à covardia.
Não... Jamais!... Ao altar vou conduzi-la;
Vê-la-ei entregar mão que era minha,
A merecerem fé votos de outrora;
Vê-la-ei de outro ser... Terei coragem
Por hoje; que amanhã... Talvez para sempre
Mãe, irmã, e perjura hão de perder-me.
Ouço os clarins da guerra que me chamam
A tempo, que eu suspiro pela morte!...
Outra vez voluntário partir quero.
E nas margens do Prata a sepultura
De meus males remédio hão de cavar-me.
Leão, leão serei para os inimigos;
Até que um deles me desfeche um golpe.
Que do peso da vida me liberte.
Partirei!

CENA III

Henrique e Maria.

Um servo, que acompanha Maria até a porta do fundo, para logo se retirar; Maria trajando vestido de noivado, e tendo na cabeça a grinalda de flores de laranjeira.

Maria (*Estremecendo ao encontrar-se a sós com Henrique*) — Oh!...

Henrique (*Olhando fixamente, e com ironia cruel*) — Meus parabéns à noiva!!!

Maria (*À parte*) — Que momento difícil!

Henrique (*À parte*) — Sinto ardendo dentro do coração fogo do inferno!!!

Maria (*Dirigindo-se para a porta do lado direito do espectador*) — Devo sair...

Henrique (*Diante de Maria e terrível*) — Senhora!...

Maria — Eu pretendia nossa mãe abraçar; deixai que passe.

Henrique — Em lábios de mulher sempre há mentira!...

Maria (*Com dignidade*) — Senhor!...

Henrique (*Com muito fogo*) — Vós pretendíeis só fugir-me,

Livrai-vos da vingança de meus olhos;

Porque me basta olhar-vos pra vingar-me!

Senão, dizei: podeis sem custo ver-me?...

Encarar rosto a rosto o incauto jovem?...

Por vós tão ultrajado!... Oh!... Não!... Senhora.

Meu olhar para vós é um carrasco.
(*Com muita força*)
Vosso patíbulo está na consciência,
Dentro em vós mesma!... Enfim, aproveitemos
Este curto momento, que um acaso
Feliz me concedeu; aproximai-vos:
Vosso juiz sou eu: o vosso crime
Sobre um altar de Deus vai agravar-se;
Sacrilégio... Que importa?... Infâmia... Embora!...
Quereis as provas de que existe um crime?...
(*Tira do peito uma trança de cabelos*)
De quem é esta trança?... Estes cabelos
A que cabeça ornaram?... São roubados.
Ou vós mesma mos destes?... Juras feitas
Junto à fonte do vale... Onde estão elas?...
Já não há religião de juramentos?...
Uma banda por brinde...
(*Tira do peito uma banda*)
Ei-la, que vale?...
E ainda no meu peito?!!! Oh! que vergonha
(*Atira a banda no chão, com movimento de desprezo*)
Presentes de uma pérfida, desprezo!...
Mas... Não...
(*Apanha a banda de novo*)
Devereis ler o que bordastes:
(*Lendo ao pé do rosto de Maria*)
— Amor primeiro... O único da vida!!!
Então?... Então... Dizei!... — Uma de duas:
Ou sois uma perjura, e me mentistes,
Ou ides lá mentir ante os altares,
Ides outro enganar a quem não amas:
Ah! Há crime!... Não podeis negá-lo:
Aqui há mais do que isso: há sacrilégio.
Tenho dito o que basta, e de hoje avante
Saberei respeitar minha cunhada.
Maria — Obrigada, senhor; sois delicado:
Um nobre cavaleiro afeito às armas.
Tendo braço e valor só para os homens,
Só para eles, portanto injúrias tendo;
Pois que injúrias vingar só homens podem,
Ser mais dócil comigo não devia.
Henrique — Se tentais responder-me, eu vos escuto;
Isso mesmo é fraqueza, mas cometo-a.
Maria — Condenada não fui?... Pra que defesa
Que tarde vem?... Um só favor vos peço;
É que cumprais aquilo que dissestes;
Que saibais respeitar vossa cunhada.
(*Vai-se pela porta da direita do espectador*)

CENA IV

Henrique (*Só, guardando outra vez no peito a banda e a trança*) — Tanta audácia me espanta e me desvaira!...

Oh! Nem mesmo tremer de meus furores!

(*Aparece Damião no fundo*)

Tão moça e já tão sabidamente pérfida!

Quem lhe ensinou linguagem refalsada?...

CENA V

Henrique e Damião.

Damião — Fui eu, que lha ensinei; eu, que eduquei-a.

Henrique — O senhor Damião!

Damião — Pai da ofendida.

Henrique — Que pretendeis dizer?...

Damião — Ides sabê-lo.

Onde se viu um cavaleiro honrado

Insultar a inocência e a fraqueza?...

Henrique — Senhor! Vós abusais da vossa idade,

E eu meço sempre os meus adversários...

Doutro fosse a pergunta, e eu respondera.

Damião — Oh! Podeis responder-me. Fui soldado

Também, e batalhei grandes batalhas;

Nas colunas de Lízia defensores

Fui contado no tempo em que o mais forte

Do mundo capitão, raio da Europa,

Guerreou na Península; portanto,

Pelo menos iguais somos no orgulho.

Por mim tenho o direito do ofendido;

Da bainha uma espada arrancar posso;

Minha filha insultastes, e em tal caso

Satisfação deveis-me dessa injúria.

Henrique — Que fosseis seu irmão, e então veríeis!...

Damião — Perco, pois pela idade os meus direitos?...

Henrique — Eu devo respeitar vossa velhice.

Sabeis que não sou fraco; mas não posso

Por isso mesmo me bater convosco.

(*Com má vontade*)

Se quereis, eu vos dou minhas desculpas.

Damião — Oh! Quanto essa piedade mais me ofende!...

Como ferir-vos n'alma, moço ousado?...

Henrique — Mortalmente a minh'alma está ferida;

Alegrai-vos, senhor, com tal certeza.

Damião — Pois em dobro feri-la quero ainda.

Sabeis pra que se acendem os altares?...

Henrique (*Interrompendo a Damião*) — Demais o sei!....

Damião — Mas não sabeis, eu juro,

Que todo esse himeneu é obra minha...

Que uma palavra vossa impedir pode
A festa, o casamento, e quanto hei feito;
Que Maria vos foi fiel constante
Sempre; e só vos esquece sendo esposa;
Que sou eu quem a obriga a cumprir juras
Feitas, quando já morto vos julgava:
Falai!... Podeis lançar o altar por terra;
Ide encher de desgosto a mãe tão digna,
E matar de paixão o infeliz Paulo;
Que nem assim Maria será vossa:
Ou então, que é melhor, em mim vingai-vos.

Henrique — Que escutei?!... Uma vítima?! Oh! Tirano!!!

Damião — Vingai-vos, pois em mim! Eu sou a causa
Dos tormentos cruéis que vos anseiam.
Que!... Será impotente a vossa raiva?...

Henrique — Deus do céu! Fulminai a prepotência!!!

Damião — Falai... Quebrai os laços...

Henrique — Sim!... Agora

Lanças-me um desafio, porque é tarde.

Damião — Então resta a vingança; quereis tê-la?...

Henrique — Não vos houvesse posto a mão dos anos

Uma coroa de neve na cabeça,
Que havíeis de sentir força de um braço
Pelo furor mais justo manejado.

Tiranos que abusais da natureza,
Do coração direitos usurpando,
Dos próprios filhos mártires fazendo!...
Velho insensato, não sentis que a vida
Demais vos pesa sobre os ombros curvos?...

Não sentis que ante vós a campa se abre?...
Que tropeçais no umbral da eternidade?...

Dareis contas a Deus de vossos feitos;
O mundo deixareis, e nele, a filha
Em angústias mirrada; a voz tremenda
De um vingativo Deus não estais ouvindo?...

Velho insensato!... Não tremeis?... é crível!
Que rindo-vos me ouçais?! Bárbaro velho!
Oh! Mas há de acabar a prepotência!!!

Damião — E, no entanto, inda reina... Vós o vedes...

(Com sorriso irônico)

Agora mesmo... Aqui...

Henrique *(À parte, com pesar)* — Pobre Maria!... Pai cruel, que atormenta a própria filha!...

Damião — Portanto, nada pode armar-lhe o braço!...

Henrique — Chega alguém...

Damião — Falareis?...

Henrique — Senhor... Silêncio.

CENA VI

Henrique, Damião, Maria e Emília saem do lado direito do espectador.

Emília — O solene momento está chegando:

De amigos nossos a capela se enche,

E o sacerdote só espera os noivos.

Henrique (*À parte*) — Ânimo, coração, sê forte agora!...

Emília — Maria, em tuas mãos vai ser deposto

O futuro de um homem desgraçado:

Dá-lhe a paz, que ele aspira, e Deus proteja

O himeneu do infortúnio e da virtude!

Maria — À risca cumprirei dever de esposa:

Partilharei com meu marido a vida

Que ele tiver, feliz ou desgraçada!...

CENA VII

Os precedentes, **Paulo e Daniel** — *Paulo pela mão de Daniel aparece em uma das portas da direita.*

Paulo (*A Daniel, e ainda da porta*) — Aos pés de minha mãe. (*Ao aproximar-se a Emília*) — Que é de Maria? (*Maria vai encontrá-lo; Paulo deixa Daniel*)

Vem, senhora, a meu lado ajoelhar-te

Aos pés deste bom anjo.

(*Maria o leva e ajoelhando-se ambos ao pé de Emília*)

Mãe querida!

Sagrai os laços que a forjar partimos

Com benção voluntária e protetora!

Em Maria eu vos dou inda uma filha,

Que amar-vos saberá com eu vos amo!

Fale o céu, minha mãe, em vossos lábios;

A preces maternais Deus nunca é surdo,

Dizer-nos, minha mãe, do fundo d'alma:

— Este himeneu abençoado seja!

Paulo (*Em pranto*) — Este himeneu abençoado seja!

Paulo e Maria (*Abraçando ambos Emília*) — Oh! Minha mãe!!!

Emília — Meus filhos!...

Paulo — Que ventura!

Damião — O sacerdote espera...

Paulo — Pai querido, vamos... E meu irmão?...

Henrique (*Aproximando-se Paulo*) — Paulo...

Paulo (*Tomando a mão de Henrique*) — Uma glória

Reservava ao amigo de meu peito.

A irmã que te vou dar, leva aos altares.

Henrique (*À parte*) — Oh! Céus!... Que resta mais?!!! (*Oferecendo a mão a Maria*)

Vamos, senhora. Saem todos pelo fundo: Henrique adiante conduzindo Maria, logo depois, Paulo pela mão de Emília — Damião os segue e Daniel os acompanha.

ATO IV
CIÚME

O teatro representa um gabinete particular, que se corresponde com a câmara de Paulo. Uma única porta no fundo dá para esta, uma outra ao lado esquerdo do espectador dá para o exterior. Sinais de festas: um belo toucador; os aparadores ornados com ramos de flores, etc.

CENA I

Paulo e Daniel — **Paulo** sai arrebatadamente pela porta do fundo: **Daniel** o segue.

Daniel — Senhor... Senhor...

Paulo — Não quero que me sigam! Eu vejo tudo!... Tudo!... (*Esbarra-se em um dos aparadores*)

Daniel — Ah! Suspendei-vos!

Paulo (*Tocando em um ramo de flores, que estava sobre o aparador*) — Que é isto, que encontro!... Flores?... Flores?!!!

Inocente ornamento da virtude

Não... Não mais cabe aqui! (*Lança fora o ramo: Daniel o apanha e torna a pô-lo no mesmo lugar*)

Contaminadas

Estão, se ela aspirou os seus perfumes!...

Fica uma nódoa em tudo o que ela toca...

Tocou na minha mão... Nódoa e infame

Mancha indelével tenho já na vida.

Oh! Estúpidos homens!... Confiastes

Nossa honra... De quem?!!!

Daniel — Com mais sossego,

Senhor, reflexionai sobre o que eu disse,

E que de vos ter dito me arrependo.

Quem sabe se o furor não vos ilude,

E se o mais simples fato não transforma

Em crime imaginário?...

Paulo — É tarde. Agora

Tenho a sobras veneno nas entranhas.

Podias, sim, tão pérfido como eles

Deixá-los, por mercê desta cegueira,

Impunes ultrajar-me. Agora é tarde:

Tu, fiel, sem querer, me revelaste

Enorme crime. Os dois a sós se viram,

E me disseste tudo o que disseram.

Decorei uma a uma essas palavras,

Que nunca hão de riscar-se da minh'alma,

Até que eu me vingue ou morra. Ele dizia:

Senhora, eu delinqüi, mas há desculpa

Para quem tanto amor guarda no peito;

A teus pés meu perdão conseguir quero...

Às nove horas... No jardim... — Mais baixo

Ainda lhe falou. — Quantas infâmias

Eles se apuridando não cobriram!!!

(*Cortando subitamente o fio do discurso, e logo depois prosseguindo nele*)

Depois curvou-se humilde, e de joelhos

Chorava a soluçar... Ela hesitava...

— Oh! Essa hesitação é vil delito na mulher já casada!

(*Cortando, como há pouco, o fio do discurso*)

Ela tremendo...

— Medo sim... Não remorsos.

(*O mesmo*)

Balbuçia:

“Pois bem... Às nove horas.” — Não foi isso?

Daniel — É certo que ...

Paulo — Portanto, desonrou-me...

Daniel — Talvez não haja crime neste encontro.

Paulo — E as palavras de amor que ele dizia?!!!

Daniel — Antigo amor...

Paulo — Antigo!!! — E a fermentida

Por que então me iludia?...

Daniel — As aparências.

Paulo — Toda defesa é falsa: inda hoje mesmo

Eu lhe pedia amor, não sacrifícios;

Ofereci-lhe soltá-la destes laços...

Por que os quis?... Então?! É que as mulheres

Se ufanam de enganar-nos... Porque fracos

Nós não nos ufanamos de puni-las!...

Oh! Miseró!...

Daniel — Senhor...

Paulo (*Um tanto enternecido*) — Amor antigo?!!

Então que me prepara?...Então que espero?...

Oh! Daniel! Quando eu contava alegre

Achar em minha esposa uma alma virgem,

Puro jardim, em que somente agora

Primeira flor de amor para mim se abrisse...

Ter em seu coração um céu sereno,

Onde a aurora de amor, para mim ainda

Despontasse risonha, nova e bela!...

Oh! Daniel! E horrível desmentido

Vir desfazer meus sonhos deleitosos!...

Daniel — Por quem sois, esperai...

Paulo — Como eu a amava...

Nem me envergonho mesmo de ainda amá-la...

(*Tomando o seu primeiro arrebatamento*)

Mas tanto amor maior vingança pede;

Não é assim?...

Daniel — Vingança?...

Paulo — Que te espanta?...

Que um cego a tente?... Escuta: está formado

Desde esta hora o plano, que me devo

Pra desferrar-me dessa atroz perfídia.

Às nove horas no jardim me ocultas,

E juntos esperamos os traidores:

Eles vêm... Cuidadosos espreitando
Tudo ao redor de si: seguros, livres
Se julgam, e começam a ultrajar-me!...
Tu, forçoso me agarras; porque a raiva
Me poderá perder: então... Domado,
Em convulsão extrema, a meus ouvidos
Chega o estalar dos beijos... Oh! Malvada!...
Com os olhos do ciúme eu vejo tudo!
Adivinho o que ver olhos não podem!...
Consumada a traição... Eles se afastam;
E tu fiel, de novo a estes lugares
Me arrastas cauteloso.

Daniel (*À parte*) — Ele delira!

Paulo — Então a hora da vingança aguardo
Sossegado... (*Talvez que até me ria*)...
Tu me dás um punhal que a jeito escondo.
O momento que outrora eu suspirava
Chega enfim... Para o tálamo eu a guio...
E a seu lado me atiro frio e calmo.
Ainda não compreendes meu desígnio?...
Ah! Daniel!... A pérfida não dorme?...
Não tenho eu tato?... Acaso não me é fácil
Vingar-me assim?... Oh! Basta um só instante.
Quando ela ressonar, de manso me ergo
Do leito nupcial, que a vil desdoira...
Cuidadoso... Sutil... O ferro busco...
E volto a ela... Apalpo... A mão esquerda
Afasta a fina tela, que envolvê-la...
Escuto no seu peito onde é que bate
Mais forte o coração... Depois... Prudente
A mão lhe cerra a boca e abafa o grito...
E com a destra o punhal todo lhe enterro!...
E depois... E depois... — o que mais falta,
Segredo é meu, que saberás já tarde.

Daniel — É horrível senhor, o que haveis dito.

Paulo — É muito mais horrível o que eu soffro.

Daniel — Lembrai-vos que um irmão...

Paulo — Isso que importa?...

Nome de irmão não justifica injúrias.

Se cego me não visse, tão infame

Talvez não fora!

Daniel — Muito ele vos ama!

Paulo — Não; como ela, é traidor! Irmão?! Pra sempre

Seja do coração banido um nome,

Que o vil desconheceu: irmão?! Somente

É nosso irmão aquele que nos ama,

Que sanciona com a vontade os laços,

Que a natureza a cegas tem forjado.

Sim! Pode uma só planta bela e pura

Brotar um fruto acerbo, e outro benigno...

Tão opostos extremos não se ligam...
Eu já não tenho irmão... Jamais... Oh! Nunca!...
Esse, que o foi, hoje é meu inimigo...
Eu o detesto...

Daniel — Mas deveis...

Paulo — Silêncio... Vê-me um punhal, e basta.

Daniel — Acaso devo tal imprudência...

Paulo — Tu deves-me tudo.

Daniel — E é por isso, senhor, que o punhal nego.

Paulo — Tu negas-me um punhal! Tu me desarmas!...

Tu, ingrato também?... Então que querem
Que eu seja neste mundo?... Um miserável,
Cuja honra se ultraje impunemente?...
Homem, a quem se ofenda, e não se vingue,
Nem trate de vingar-se?... Não! Não hei de
Ser, o que pretendeis!... Vai, desgraçado,
Nada mais de ti quero... Tu, como eles,
És pérfido! De ti não mais preciso...

(Começa a girar vivamente pela cena)

Não quero condutor! Não tenho esposa!...

Não tenho irmão!... Eu tenho só no peito

Desejo insaciável de vingança!...

Longe!... Longe!... Malditos sejam todos!

Tu, como eles, maldito!... Longe! O cego

Já vê demais!!!

(Encontra uma cadeira, cai sobre ela)

Daniel *(Levantando a Paulo)* — Oh! Meu senhor, matai-me

Antes do que pensar o que dissestes...

(Paulo fica pensativo)

Aqui a vossos pés, eu, que sou causa

Deste tormento, castigado seja.

Ah! vingai-vos em mim! Tudo mereço.

Mas não queirais que leve ainda mais longe

Minha imprudência, uma arma ministrando,

A quem tanto em furores se exacerba.

Paulo *(Aparentemente frio)* — Tens razão: vejo bem que em fúrias ardo.

Obrigado: um delito eu perpetrara,

A tu não seres: devo-te o sossego...

Estou calmo agora... Vai-te, amigo, e deixa

Que, a sós, de todo aplaque a minha raiva.

Daniel — Eu me vou: sossegai... Toda prudência

É pouca em casos tais.

(Vai-se pela porta da esquerda do espectador)

CENA II

Paulo (Só) — Sim, é verdade:
É pouca em casos tais toda prudência.
Capaz de ser-me falso ele mostrou-se,
E, pois deste também se faz preciso
Esconder meus desígnios de vingança.
Não terei um punhal; mas outro meio,
Que me resta, ninguém tirar-me pode
Quê! Por tanto ciúme enfurecido
Não terão estas mãos força bastante
Para afogar a pérfida?! Oh! Não há de
Valor faltar-me... Embora surdo grito
Da apertada garganta a custo rompa...
Hei de sentir seu corpo convulsando
Preso entre minhas unhas enterradas
No colo vil!... O cheiro de seu sangue
Não me fará horror... E quando frio
Eu somente apertar cadáver torpe,
A um canto o arrojarei qual fardo inútil!...
E depois... Para mim, Deus! O teu raio!...
Minha vingança, pois está planejada:
Falta só a evidência de seu crime;
Vou tê-la no jardim.

Damião (*Dentro*) — O senhor Paulo
Acaso pode ouvir-me?...

Paulo — O pai da pérfida:
É preciso abafar os meus furores (*Falando para o lado da porta*)
Entraí, senhor.

CENA III

Paulo e **Damião** *entrando pela porta da esquerda.*

Damião — Uma hora eu procurava,
Em que a sós me pudesse ver convosco,
Para, cumprindo um uso de família,
Depor em vossas mãos nobre legado,
Que de direito vos pertence agora.

Paulo — A sós estamos. — Que legado é esse?...

Damião — Ouvi-me, e sabereis. O triste velho,
Que não podeis mais ver, mas que já vistes,
No seio da pobreza ainda conserva
Orgulho de seu nome. Um Gomes nunca
Uma injúria sofreu que não vingasse;
E se estranhos perdão jamais tiveram
Dos seus em dobro a ofensa era punida.
Uma vez... (*velhas eras isto viram*)
Mulher vil que de nós o nome tinha
Traiu a seu marido; e o pai da infame,

Certo do caso, a mão trêmula armando
De um punhal, negra mancha lavar soube
Com o sangue da perjura... De nobreza
Esse punhal para nós legado há sido;
Foi por todos passando até chegar-me.
Quando uma Gomes núpcias celebrava,
O esposo recebia o punhal de honra
Para vingar-se, se ofendido fosse
Pela filha de um Gomes. Mudou tudo...
O tempo é outro... Embora... Eu sou o mesmo:
Quero cumprir a lei dos meus maiores:
Desposastes, senhor, a minha filha;
Se ela vos nodoar, podeis matá-la.
A deixa vingadora vos pertence;
Eis o punhal.

(Tira um punhal)

Paulo *(Meio alegre, meio desconfiado)* — Cumprir quereis somente
Velha usança de avós *(que assaz respeito)*,
Ou, ao vir oferecer-me a arma funesta,
Tendes a idéia de zombar de um cego?...
Dizei, senhor?

Damião — O cego sentir pode
Onde palpita o coração que o ofende,
E por aí abrir caminho à vida.
Cumpro usança de avós, como dissestes:
Eis o punhal.

(Entrega o punhal a Paulo)

Se está enferrujado,
É porque nossas filhas têm sabido
Trilhar sempre a vereda da virtude.
Recebei-o; e se um dia vos desdoiram,
Usai dele! E seguro seja o golpe.
(Vai-se por onde entrou)

CENA IV

Paulo *(Só, guardando o punhal no seio com muito cuidado)* —
Sim!... Presente do céu, eu te recebo!
Vem! Eu te asilo junto de meu peito...
Que ninguém te perceba... Oculto fica
Meu querido tesouro!... Doce esperança
Minha, eu vou respirar mais levemente,
Para que te não suspeitem... Te não roubem
Deste seio, que é teu... Por meus direitos...
Como eu te provarei!... Aqui te esconde,
Que depois da vingança consumada,
Mais profundo aqui mesmo hei de esconder-te.
(Sentindo passos)
Sinto rumor... Quem é?

CENA V

Paulo e **Maria** entrando pela porta da esquerda, e dirigindo-se a **Paulo** com ternura.

Maria — A tua esposa.

Paulo (*À parte*) — Oh!... Céus!... Maria!... Eu mal conter-me posso.

Maria — Senhor, tão longa ausência é já sentida;
Mas tu foges de mim?...

Paulo (*Mal contendo-se*) — Oh! Não... Senhora,
Poderia eu fazê-lo?... Por ventura
Não me amas tanto... Tanto...

Maria — Eu me confundo!
Teu aspecto, senhor, não sei que mostra...
Parece que um tormento...

Paulo — Adivinhaste;
Sinto terrível dor, que me exaspera;
Mas não é nada... Há de passar...

(*À parte com voz sinistra*)
Oh! Há de!...

Maria — Explica-me o teu mal: A mim compete
Mesmo o direito de estudar tua alma:
Oh! Fala! De que serve então a esposa
Se do esposo não vale a confiança,
Se curar suas mágoas não procura,
Se as não minora, ao menos, consolando-o?...
Tu tens em mim a mais fiel amiga;
Derrama no meu seio as tuas dores.

Paulo — Minha ausência, disseste, era sentida...Vamos...

Maria — Pois não mereço o que te peço?...

Paulo — Nada sinto...

Maria (*Com terno ressentimento*) — Senhor...

CENA VI

Os precedentes, e **Emília** entrando pela porta da esquerda.

Emília — Meu filho; todos
Há muito te procuram...

Maria — Mãe querida,
Vosso filho padece, e o mal esconde!
Nem mesmo o meu poder...

Emília — Paulo! Que é isto?...

Paulo (*Conseguindo pegar na mão de Emília*) — Minha mãe... Nada sofro: (*Levando Emília para o lado contrário daquele em que está Maria*)

Uma palavra...

Só vos a ouçais...recordo a profecia:
(*Com voz lúgubre*)

— Neste himeneu pressinto uma desgraça!..
(*Espanto de Emília*)

Vamos, senhora.

(*Estendendo a mão a Maria*)

Conduzi-me à sala.

(*Paulo é levado pelas duas. — Saem todos pela porta esquerda*)

ATO V

A NOITE DE NÚPCIAS

O teatro representa um vasto jardim. — É noite. — Ao fundo e para o lado direito do espectador vê-se uma parte da casa de Emília; algumas janelas aí deixam perceber as salas iluminadas, como em uma noite de festa; lampiões suspensos em ramos de árvores esclarecem o jardim.

CENA I

Paulo e Daniel.

Daniel — Eis-nos enfim, senhor.

Paulo — Conheço, amigo,

Quanto por mim tens feito; e o que te devo:

O céu te pagará, que eu já não posso.

Meus dias um a um estão contados,

E o bago extremo vai cair bem cedo.

Enfim, descansarei: e o mundo insano

Há de amanhã chorar-me, por ventura,

Não de piedade, ao ver o meu cadáver;

Mas porque um infeliz conta de menos.

Este mundo é fatal!...

Daniel — Senhor, que idéias...

Paulo — Em passageira vida tormentosa

Por uma dita, que traidora oferece,

Nos faz provar pesares mil acerbos.

Por que pois tal apego a tanta lida?...

Por minha parte, há muito, ela me pesa;

Procurei um remédio, que mais leve

Me tornasse; e o remédio foi veneno,

Que delirante bebo: eis-me aqui pronto

Para beber o trago derradeiro.

Verei minha desonra, e assim quebrado

O elo ficará, que ainda me prende

A um mundo que abomino!...

Daniel (*À parte*) — Desgraçado!

Paulo — O mundo?!!! É um demônio multiforme,

Que para cada traição reserva um rosto,

Para cada coração punhal de escolha,

E para toda esperança um desengano!

Inimigo feroz, desde que nascemos

Até nos ver morrer nos atormenta:

Enquanto vivos, nos guerreia e fere;

Já mortos ele rói nosso cadáver.

O mundo! O mundo! Quem lhe escapa às garras?

É sereia que canta enganadora,

Crocodilo que chora traiçoeiro,
Lobo que assalta, tigre que devora,
Ou leopardo que surpreende a vítima!...
Oh! o mundo!... Se acaso o homem se humilha,
O infame na cara vai cuspir-lhe;
Se o arrosta, em torturas o trucidada;
Se dele cauteloso desconfia,
Então, oh!... Como a mim!... Faz a seus olhos
Brilhar uma quimera cor de fogo,
Tão fementida, como doce e bela...
A esperança: e ai de quem nela confia!...
Daniel — A esperança é o sol que alma esclarece;
Aquele que a não tem, metade é morto!
Paulo — Pois bem; inda hoje mesmo assaz a tinha,
E por havê-la tido me exaspero.
Esperei contra a noite de meus olhos
Achar na luz de amor paz e ventura.
Paz, ventura em amor!... Se isto não basta
Para a sobras provar, que um louco hei sido,
Prova, e prova demais o ter eu posto
Na fé de uma mulher minha esperança.
Oh! sim: acreditei nessa mentira,
E eis aqui minha noite de noivado!...
Por beijo nupcial dão-me a vergonha...
À esposa em vez de amor devo vingança...
Meu tálamo há de ser a sepultura.
(*Mudando de tom*)
Que mundo!... Que esperança!...
Daniel — Assaz confio
Que o céu vos mostrará feliz verdade.
Paulo — Sim, Daniel, nós ambos sentiremos
Dessa verdade as evidentes provas;
Essa evidência eu quero, eu a desejo
Para me defender na eternidade.
Ocultos arrasamos seus segredos...
Tu serás testemunha de seu crime,
E o juiz serei eu: embora a ingrata
Empregue o pranto, as queixas, e os lamentos...
Meu Deus!
(*Cortando o fio do discurso, e como rendendo graças ao Céu*)
Já uma vez eu vos bendigo.
Porque sou cego: é pelos nossos olhos,
Que abre melhor caminho a piedade
Para chegar ao coração; e eu cego
Não hei de ver as lágrimas da pérfida,
Nem a morte espargida no seu rosto!...
(*Torna a dirigir-se a Daniel*)
Eles chegam... Nós tudo observando
Nada perdemos: sós... Julgam-se impunes...
A solidão lhes rasga o véu do pejo...

Falam de amor... Amantes votos fazem...
E eu escuto esses votos, que me soam,
Como um rugir de feras!
(*Como não podendo conter-se*)
Não, não posso...
(*A Daniel com furor*)
Não devo dilatar minha vingança...
Quando em sua ventura embriagados
Em mais estreito abraço se apertarem,
Sobre eles tu me arrojas de improviso,
(*Pondo a mão no peito e logo arrependendo-se desse movimento*)
Então com meu... (*À parte*)
Eu ia me perdendo.
Com vingadoras mãos afogo a pérfida.
Daniel — Senhor... Vem gente...
Paulo — Oculta-me depressa.
(*Oculta-se, levado por Daniel para o fundo*)

CENA II

Henrique, só, *saindo da direita do espectador.*

Enfim, chega o momento que há de dar-me
O prazer derradeiro neste mundo.
Vejam se o que resta está disposto.
(*Falando para a direita*)
Silvestre!

CENA III

Henrique e **Silvestre** saindo da direita.

Silvestre — Capitão!
Henrique — Tudo está pronto?...
Silvestre — Segundo as vossas ordens, às ocultas
Levei as malas para o vizinho bosque.
Henrique — E os cavalos?...
Silvestre — Já estão aparelhados.
Henrique — Leva-os para onde as malas escondestes:
Não tarde partiremos: camarada,
Amigo, e companheiro dos combates,
Não, não mais ficarei: iremos juntos,
Onde a pátria o pedir perder a vida,
Ou triunfar... Que tu talvez triunfes.
Silvestre — Bem o dizia eu! Quem tão valente
Estreou como vós da glória a estrada,
Não se amolda mais nunca a uma existência
Sossegada, talvez; mas obscura.
Henrique (*Com triste sorriso*) — Pois sim...é isso: a glória é que me chama...
Vai, no entanto, cumprir o que te ordeno.

(Vai-se Silvestre pelo mesmo lado por onde saiu)

CENA IV

Henrique (Só) — Minha partida o próprio dever manda;
Não é só desespero que me inspira:
Aqui, a meu despeito, conspirara
Contra a ventura de um irmão, que prezo!...
Oh! como, como invejo a sorte dele!...
Antes cego, que amante desgraçado!
Enfim... Eu vou partir... Adeus, meus lares!
Adeus, campos da infância tão queridos!
Adeus, Oh! Minha mãe! Adeus eterno
É este que vos digo... Irmã da morte
Sempre foi a partida sem retorno.
(Fica um instante em silêncio, depois prossegue)
Só me falta um momento: ver Maria...
Receber meu perdão a seus pés curvo,
E partir logo após: o tempo passa...
Um acaso imprevisto esta demora
Talvez cause... Ou temor... Se não viesse!
(Sentindo rumor)
Oh!...
(Correndo a encontrar Maria)
É ela!...

CENA V

Henrique e Maria, *saindo pela direita; estudada frieza em suas palavras e ações.*

Henrique *(Moderando o seu fervor ante a frieza com que o recebe Maria)* — Maria!
Maria — Este meu passo
Eu mesma uma imprudência considero;
Mas, enfim... Eu cedi a tantos rogos;
Porque havia um mistério em vossas frases...
Explicai-vos depressa, para que eu volte,
Que é fácil ser notada a minha ausência.
Henrique — Não, senhora; com a festa embriagados
Todos pensam somente em seus prazeres.
Maria — Mas também o dever manda apressar-me.
Henrique — Eu falo pois, e breve ser pretendo.
Senhora, quando em nós arde o ciúme,
Abafada a razão perde o seu campo,
Tudo é delírio, tudo é perdoável.
Eu vos injurei... Mil invectivas,
De que agora eu próprio me envergonho,
Contra vós arrojéi: ah!... Não sabia
Que éreis mártir, como eu, da prepotência.
Juramentos de amor que nos ligavam,

Vi postergados... Não vos defendéis,
Pensei que os não lembráveis inconstante.
Era igual meu ciúme à paixão minha,
E injúrias filhas do ciúme ouvistes.
Sei agora, Maria que só devo
Queixar-me dessa extrema obediência.
Que a ambos nós para sempre infelicita:
Em fúrias vosso pai me aclarou tudo:
No que fizestes, sim, existe um crime;
Mas é só vosso pai o criminoso.

Aqui a vossos pés,
(*Curvando-se*)

Maria, espero,
Que perdoeis-me a raiva do ciúme.
Oh!... Tende compaixão de um desgraçado!!!

Maria (*Com extrema frieza*) — Levantai-vos, senhor, já me não lembra
O que em solteira se passou comigo:
Eu recordo-me só que sou casada,
E que toda pertença ao meu consorte.

Henrique — Oh! Maria!...

Maria — Deixai que eu me retire...

Henrique — Pouco, senhora, resta-me a dizer-vos.
Não tenho, não, a força da virtude,
Como tão grande a tendes. Tanto gelo,
Onde fogo existiu!... Nunca!... Impossível!...

(*Com fogo*)

Amo-vos sempre,

Oh!...

(*Sentindo que Maria o quer interromper*)

Não me interrompais... Tudo adivinho...
Em dever falaríeis... Pois é isso:
Não posso aqui, nem mesmo em parte alguma,
Sufocar este amor!... Aqui redobra!...
Geme o dever, e eu ouço os seus gemidos...
Vou partir... Para sempre. Em paz vos deixo.
Do Prata junto às margens se combate,
Atrevido Argentino o Brasil fere;
Lá me vou, e jamais hão de tornar-me
A ver aqueles a quem amo. Odeio
Esta vida importuna e miserável...
É fácil que me tirem nas batalhas.

Maria (*À parte e comovida*) — Oh! Meu Deus! Este homem quer perder-me!
Vê-lo partir em tanto desespero
Quase é mandá-lo à morte!

Henrique — Adeus, senhora!

Maria (*Meio perturbada*) — Não sei, porque, senhor, quereis deixar-nos...
Eu não receio aqui vossa presença...
Tenho fé na virtude, e nada temo.

Henrique — É só por mim, não é por vós que eu parto.
Por fraco me conheço... Hei medo à luta,

E além de tudo eu tenho aqui o inferno!

(Apontando para o coração)

Em respeito a um irmão de vós me afasto,
E partindo, eu sei bem, que a guerra oferece
Infalível recurso ao desespero.

Maria *(Mal contendo-se)* — Partir!... Senhor!...

Henrique — Para buscar a morte

Ela me é doce agora, que hei perdido
Todo o bem que aspirava sobre a terra.

Maria *(Crescendo em fogo)* — Partir?! E vossa mãe?!!

Henrique — Tem uma filha

Para suprir o filho que lhe foge.

Maria *(Com mais fogo ainda)* — Partir?! E vosso irmão?!!

Henrique — Ah!... Tem Maria,

Que faz tudo esquecer a quem a goza!...

Maria *(Não podendo mais conter-se)* — Partir?! Morrer?! E eu?!!

Henrique — Oh! Desgraçado!!!

Maria — Irmão... Irmão... Não nos deixeis... Lembrai-vos...

Henrique — Perdi o vosso amor... Anelo a morte.

Maria *(Em explosão)* — Perdeste meu amor?... Quem tal blasfêmia pode
dizer?... Oh!... Não!... Nunca!... Eu vos amo...

(Parando e exclamando dolorosamente arrependida)

Que disse?... Deus eterno, eu sou casada!...

(A Henrique, com violento desespero)

Parti, senhor, deixai-me, e morrei mesmo;

Mas deixai-me no seio da virtude.

Parti!...

Henrique — Maria!...

Maria — Não!... Eu não vos ouço:

Por vossa causa, e por ouvir-vos tanto

Já coro de mim mesma. Sois piedoso?...

Compreendeis, senhor, o que é virtude?...

Respeitais a inocência?... É mais que sombra

A vossos olhos o dever?... Deixai-nos!

Parti... E parti já!

Henrique — Sim... Para sempre!

Eu vou deixar-vos e morrer, Maria!

(Consegue pegar na mão de Maria, que a não retira)

Minha irmã!... Doce enlevo de minh' alma!

Amada antiga minha!...

(Beija-lhe a mão com indizível ternura)

Adeus!...

Maria *(Com um grito na alma)* — Para sempre!!!

CENA VI

Henrique indo a partir e suspendendo-se, **Maria**, **Paulo** vindo exasperado do fundo e seguido de **Daniel**.

Paulo (*Espanto de Henrique e de Maria*) — Suspendei-vos!!!

Henrique — Irmão!

Maria — Céus! Meu marido!...

Paulo — Ouvi tudo... Escutei minha sentença!...

Henrique — Irmão!...

Paulo — Irmão, dizeis?!!

(*Com terrível expressão de desespero*)

Sois muito infame!...

Sabeis?... Eu estava ali ouvindo, e vendo...

Vendo, sim! Que o ciúme olhos me dava!...

Não se morre de raiva, eu ainda vivo...

E, portanto, tremei!... Tremei do cego!!!

Henrique — Paulo!

Maria (*Chegando-se para Paulo*) — Esposo!

Paulo (*Agarrando com força no braço de Maria*) — Vem cá, mulher, escuta:

Esta manhã o cego o que te disse

Junto à fonte do vale?... Dize... Fala.

Maria (*Subjugada*) — Que de mim sacrifícios não queria;

Merecer meu amor só desejava.

Paulo — E que juraste à face dos altares?...

Maria — Fidelidade, amor a meu esposo.

Paulo — E onde está esse amor?...

Maria — Senhor, sou tua.

Paulo — Essa fidelidade?...

Maria — Ainda eu a juro.

Paulo — Tu a juras, ó pérfida?!!

(*Depois de sacudir-lhe o braço, a deixa com movimento de desprezo*)

Ouvi tudo!

Estava ali... Ouvi minha vergonha:

Tu disseste, e era em fogo que o dizias:

“Perdeste meu amor?... Quem tal blasfêmia

Pode dizer?... Oh! Não! Nunca! Eu vos amo!...”

Não foi assim?... Falai! Acaso eu minto?...

(*Procurando em vão encontrar Maria com as mãos*)

Oh! Confissão horrível e nefanda!!!

(*Terrível*)

Cuidas, mulher, que um cego não se vingará?!!

Maria — Vingá-te, pois em mim, do que em delírio

Dos lábios me saiu, sem que eu pensasse.

Conhece enfim, senhor, toda a verdade;

Eu vou justificar tua vingança.

É certo, a teu irmão eu muito amava,

E ainda o amo. Afeita a sujeitar-me

De um pai ao mando, obedecendo a ele

A minha mão te dei: doutro já era

O coração, ser teu mais não podia.

Não posso amar-te, não; porém, conheço
O quanto és nobre, e justa e pura estima,
Senhor, eu te dedico; eis o que posso.
Deram-me a educação da austeridade;
E o que o dever me impõe, cumprirei sempre.
Não terás uma esposa apaixonada;
Mas fiel, há de tê-la até a morte.

Paulo — E do que serve sem amor a esposa?...

Maria — O amor não se impõe; nasce espontâneo.

Paulo — E negarás que, há pouco, me traías?...

Maria — Pois vingá-te, senhor, tira-me a vida;
Far-me-ias um bem, sem que o julgasses.

Paulo (*Terrível e com a mão no peito*) — Oh!... Tu zombas de mim; por que sou cego?!!
Cuidas, mulher, que um cego não se vingá?!!

Maria — Que ainda me não conheces vou provar-te
Quero oferecer-te um meio de matar-me;
Praza a Deus que o aceites!...

(*Tira a manta que tem no pescoço*)

Henrique (*Dando um passo para suspender Maria*) — Céus!... Maria!...

Maria (*A Henrique*) — Arredai-vos, senhor, vós me perdestes!...

Eis-me aqui!... Põe um termo à minha vida!...

Afoga a criminoso que te ofende.

Paulo (*Recebe a manta*) — Sim! Aceito! Pois morre!

(*Quer lançar a manta ao redor do pescoço de Maria, e larga logo*)

Não! Não posso!

Ainda a amo e muito!... Oh! Desditoso!!!

Maria — Como eu fiz deste homem o infortúnio!...

(*Momento doloroso silêncio. — Depois do que Paulo, que tem deixado cair a cabeça, a ergue, e fala sentidamente*)

Paulo — Eis-me pois mais que nunca desgraçado!

Que sorte neste mundo iguala a minha?...

Foges, Henrique?... Sim! Depois que n'alma

Todo fel me lançaste do ciúme!

Foges; e minha mãe fica gemendo,

E em cada um abafado seu gemido

Eu escuto uma queixa a mim lançada!...

Sou eu que espanto o filho de seu seio.

Quem a própria família enche de luto!...

De Maria um suspiro que percebo,

É punhal que me rasga e dilacera

O peito já ferido por teus golpes!

Num suspiro eu apanho uma saudade!

Negra traição da esposa na tristeza

Sinto feita a mim próprio; e ao mesmo tempo

Os remorsos também me despedaçam!...

Ficas, Henrique?... Ficas!... Mais sossego,

Não pode ter o cego... A todo instante

Ele se vê ludíbrio da perfídia.

E uma traição a cada passo adivinha!!!

As auras que murmuram com a folhagem

Lhe parecem sussurro vergonhoso...
Se um movimento a esposa faz no leito
Ele crê que lhe foge e vai traí-lo...
Se está com ele e ela, pensa e teme,
Que em seu rosto abusando da cegueira,
Vós estejais trocando amantes beijos...
Oh! dor extrema! Oh! Mal já sem remédio!
(*Quase em pranto*)

Ai! Mísero de mim!...

Henrique (*Dolorosamente*) — Como ele sofre!...

Maria — Eu o faço infeliz!

Paulo (*Com movimento de desconfiança*) — Daniel!... Daniel!...

(*Tomando a Daniel, que se chega, pela mão*)

Talvez de ver-me assim se regozijam!...

Riem-se, não?...

Daniel — Chorando vejo a ambos.

Paulo (*Com dor extrema*) — Ah! Que só mover posso a piedade!...

Sinto em torno de mim desgraça e pranto...

Vivo em trevas no mundo e em trevas n'alma;

Morreu-me a luz dos olhos, e a esperança!...

Sem poder ser feliz faço o infortúnio

Daqueles a quem amo! Oh! sorte iníqua!

A minha vida é muro insuperável

Erguido ante a ventura de dois entes!

Eu sou fantasma horrível que os separa!

Minha morte, porém, uni-los pode.

Sinistra idéia, e único recurso!...

Um cego é fardo incômodo no mundo...

Maria... Henrique... O vosso amor triunfe!...

Vivei... E abençoai o pobre cego...

Deveis viver... Somente eu morrer devo.

(*Arranca o punhal e mata-se*)

Maria, Henrique e Daniel (*Os três caindo sobre Paulo*) — Oh!... Infeliz!...

CENA VII

Os precedentes, e **Damião** aparecendo do lado direito do espectador.

Damião (*Ainda de longe*) — Maria!...

Henrique (*Correndo a Damião, travando-lhe o braço, e trazendo-o à força até junto do cadáver do irmão*) — Chegue!... Vede-o!... (*Apontando com gosto terrível o cadáver do irmão*)

Eis o fruto, senhor, da prepotência!!!

FIM